

Práticas musicais em espaços alternativos: trilhando caminhos de formação

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

Carla Eugenia Lopardo

Universidade Federal do Pampa - carlalopardo@gmail.com

Cibele Ambrozzi Correa

Universidade Federal do Pampa - ambrozzi.cibele@gmail.com

Mauricio Alves Daneres

Universidade Federal do Pampa - mauricio.alves.daneres@hotmail.com

Resumo: As práticas pedagógico-musicais em espaços alternativos tem sido um assunto relevante em torno da sua valorização e permanência como uma das formas de inserção da música em espaços não escolares. Tem-se como objetivo destacar a importância destes espaços na formação do professor de música em cursos de graduação a partir da contribuição de autores como Arroyo (2000), Kleber (2003), Oliveira (2013), Souza (2007). Espera-se contribuir para a ampliação de práticas musicais fora do espaço escolar como modos de construção da docência em música.

Palavras-chave: Práticas musicais. Espaços alternativos. Construção da docência em música.

Musical Practices In Alternative Spaces: Drawing Formation Paths.

Abstract: The pedagogical-musical practices in alternative spaces have been a relevant subject around its valorization and permanence as one of the forms of insertion of music in non-school spaces. The aim of this work is to highlight the importance of these spaces in the training of music teachers in undergraduate courses, based on the contribution of authors such as Arroyo (2000), Kleber (2003), Oliveira (2013) and Souza (2007). It is hoped to contribute to the expansion of musical practices outside the school space as ways of building teaching in music.

Keywords: Musical practices. Alternative spaces. Construction of teaching in music.

1. Introdução

As discussões sobre formação de professores em espaços alternativos ou não formais de ensino levantam alguns questionamentos acerca dos múltiplos espaços de formação e de atuação do professor de música em oposição às legislações vigentes que normatizam os estágios supervisionados nos cursos de graduação nas universidades brasileiras. Este texto apresenta algumas experiências de formação de alunos de um Curso de Música – Licenciatura de uma universidade pública do sul do país. Através dos relatos dos discentes, busca-se resgatar a necessidade de olhar para esses espaços alternativos de práticas musicais de ensino como uma esfera de formação significativa na construção da docência em música. Para tal, este trabalho apresenta os contextos nos quais os alunos desenvolvem suas práticas de ensino musical, os caminhos de formação trilhados por estes alunos no âmbito da

universidade e a proposta curricular pela qual vão sendo constituídos os territórios de formação.

A proposta curricular do Curso de Música-Licenciatura da Universidade Federal do Pampa/UNIPAMPA estabelece que os estágios supervisionados obrigatórios devem ser realizados em escolas de educação básica, passando por todos os níveis de ensino, perfazendo um total de 405 horas divididas em atividades de observação, planejamento, regência, orientações, pesquisa, entre outras ações de formação desenvolvidas tanto na escola quanto dentro da universidade. Porém, o estágio obrigatório, na proposta do Curso de Música, não considera a atuação dos alunos em espaços não escolares, ou seja, os espaços onde se faz e se aprende música fora da escola e que não são considerados territórios de formação dos nossos discentes, atendendo às resoluções internas da universidade em conformidade com a legislação¹ que normatiza essa atuação (BRASIL, 2015). Diante disto, e sabendo da importância de considerar estes espaços como âmbitos de formação indissociáveis das práticas musicais em diálogo com a realidade local e regional, o Curso de Música oferece alternativas de formação para aqueles discentes que optarem por realizar suas práticas de ensino nesses ambientes não formais. Para tal fim, o componente complementar “Práticas pedagógico-musicais I e II” se apresenta como uma opção onde os alunos podem realizar suas práticas de ensino de música em diferentes contextos socioculturais. Neste sentido, se estimula a reflexão sobre a música como prática social caracterizando os múltiplos espaços de atuação do educador musical a partir da realização de práticas pedagógico-musicais nos diferentes cotidianos musicais pelos quais transitarão esses alunos.

Na dimensão da pesquisa, dentro do componente, o objetivo é desenvolver no aluno um olhar crítico-reflexivo sobre a própria formação, realizando observações em contextos sócio-educativos não formais onde esteja inserida a música para posteriormente elaborar planos de ação em diálogo com as necessidades, características e desafios que o próprio contexto apresenta. No que se refere à metodologia de ensino é incentivada a exposição e discussão de diferentes tópicos dando lugar ao intercâmbio de experiências pessoais estimulando a capacidade crítica e a capacidade de escrita para a elaboração de propostas de ação musical, a partir do planejamento colaborativo, da pesquisa e produção de registros dessas práticas. Neste sentido, o presente trabalho apresenta um conjunto de experiências até o momento vivenciadas pelos discentes nesses espaços de formação.

A estrutura curricular do Curso procura oferecer alternativas de formação para capacitar profissionalmente ao aluno “para atuar na educação básica e em diversos espaços de ensino de música, articulando saberes específicos e as complexidades que envolvem múltiplos

campos de atuação” (UNIPAMPA, 2016, p.32). Espera-se, assim, que o discente possa desenvolver uma “visão ampla e crítica dos espaços em que se aprende e ensina música, considerando as múltiplas possibilidades do fazer musical em sociedade, sendo elas através de práticas musicais coletivas e/ou individuais” (idem). Nesta perspectiva, o curso de música tem como uma das suas metas “criar meios e oportunidades para que a universidade possa ampliar seu espectro de atuação e se fortalecer em práticas socioculturais junto à comunidade em que atua” (ibidem). Considerando o possível campo de atuação profissional do egresso, em sintonia com a Resolução CNE/CP nº 02/2015, o curso oferece opções de formação a partir das quais o acadêmico poderá “desenvolver projetos sociais a partir de práticas educativo-musicais; atuar no ensino de música em instituições não escolares - o que pode compreender a atuação dos egressos do curso em escolas específicas de música, aulas particulares de instrumento e oficinas musicais” (UNIPAMPA, 2016, p.33).

2. Práticas musicais em espaços alternativos de ensino

As práticas musicais em espaços alternativos de formação que possibilitem aos alunos expandir seus conhecimentos como músicos e educadores são fundamentais para a formação integral destes futuros docentes, pois a experiência prática aliada ao conhecimento pedagógico contribui para a construção da docência em música desde uma perspectiva abrangente e inclusiva. Para Oliveira (2003), o chamado “terceiro setor”, ao fazer referência a esses espaços não formais e demais espaços alternativos, são locais que se estabelecem como uma importante possibilidade de desenvolvimento profissional dos futuros educadores musicais.

Nesta perspectiva, Kleber (2003) considera os projetos sociais e outras ações articuladas com as esferas comunitárias como um setor emergente e em consonância com as demandas inclusivas e de trabalho colaborativo dentro de um determinado contexto social. Nesta linha de pensamento defendemos a ideia de que a educação musical contemporânea “demanda a construção de novas práticas que deem conta da diversidade de experiências musicais que as pessoas estão vivenciando na sociedade atual” (ARROYO, 2000, p. 89). Portanto, a inserção dos alunos de graduação em espaços que contemplem práticas diferenciadas e inclusivas de ensino musical, permite transitar por espaços e tempos de aprendizagem musical diferentes daqueles oportunizados pelo ambiente escolar, o que enriquece a experiência de formação dos nossos alunos, estabelecendo diálogos entre a teoria

e a prática, e, paralelamente, entre o ensino, a pesquisa e a extensão, como eixos indissolúveis da formação integral do acadêmico.

Dentre os locais e públicos que podem ser contemplados nestas práticas musicais, encontramos asilos, sociedades de fomento, associações, institutos beneficentes, escolas de música, bandas, orquestras, clubes, igrejas, considerados locais alternativos aonde vem sendo desenvolvidas práticas musicais ou poderiam ser ofertadas em futuros projetos pelos nossos alunos. Estas práticas demandam, principalmente, um olhar atento às metodologias e estratégias de ensino que oportunizem experiências significativas, olhando para o coletivo e os processos colaborativos do fazer musical em conjunto, com foco nas práticas musicais inclusivas e inovadoras. Para isso, são analisadas e discutidas diferentes abordagens de ensino que estimulem estes aspectos tanto com grupos de crianças quanto com jovens, adultos e/ou idosos.

No que se refere à dimensão do ensino, as experiências relatadas a seguir foram vivenciadas por alunos de graduação. Os locais onde estes alunos já desempenhavam suas funções pedagógico-musicais como formadores estão em diálogo direto com a comunidade; oferecendo práticas diversificadas com foco nas mais variadas expressões artísticas musicais, visuais, literárias, dentre outras manifestações integradas.

3. A construção da docência nestes espaços de formação

Com base nas reflexões a respeito da prática de uma educação musical contemporânea que esteja em sintonia com a narrativa de diversidade cultural (SOUZA, 2007) uma das alunas, envolvida com as práticas pedagógico-musicais em espaços alternativos, busca desenvolver as aulas em um local artístico de troca e vivência coletiva. As práticas acontecem em um lugar colaborativo na cidade de Bagé, RS, chamado Casa Pitanga. Este lugar foi idealizado por quatro mulheres autointituladas feministas que veem neste espaço uma possibilidade de atuarem em suas áreas de formação. Criada recentemente, a Casa Pitanga é um espaço essencialmente pautado em processos de cura, além do caráter cultural e artístico entre as tantas possibilidades do projeto: das terapias alternativas, oficinas de aprendizagem e cursos livres. Atualmente ocorrem aulas de escrita criativa, oficinas de desenho e pintura, aulas de yoga, reiki, meditação, psicoterapia, thetahealing, barras de Access, constelações familiares sistêmicas e atividades/formações esporádicas, além de aulas de violão e aulas de canto e práticas vocais, das quais, somos responsáveis.

O principal objetivo das ações da Casa é unir profissionais e pessoas interessadas em acompanhar e intervir em relação às constantes mudanças sociais – levando em conta o momento político em que vivemos em nível de cidade-estado-país – através de atividades que ultrapassam os padrões institucionais. Sendo assim, é um espaço em que as agentes responsáveis consideram ser de resistência, que acreditam na arte, na reflexão, no autoconhecimento e no estabelecimento de trocas.

As aulas de canto e práticas vocais são ministradas por uma das alunas do componente sendo que, acontecem na modalidade individual, havendo também a modalidade de aulas coletivas, tendo duração de uma hora e trinta minutos. Nelas são desenvolvidas práticas de alongamento, aquecimento corporal e vocalizes além do repertório do/a aluno/a interessado/a. Apesar de compreender que tais práticas são heranças do canto tradicional, a proposta integra práticas vocais que estejam conectadas à ideia de que qualquer pessoa pode aprender a cantar. Diante disso, as aulas são concebidas como práticas vocais no intuito de ressignificar essa prática que carrega questões históricas de segregação.

Conforme relato, a aluna constatou que, neste espaço de atuação, muitas demandas dos/as seus/suas alunos/as estão embasadas em práticas, ideias e músicas hegemônicas. Portanto, ela aponta que seu maior desafio é não desconstruir esses conceitos, mas sim, ressignificar a própria prática vocal, no sentido de percebermos que, diante da nossa própria pluralidade, somos atravessamentos socioculturais e acionamos diversas manifestações em nossos corpos ao cantarmos ou falarmos, processo este, que envolve diretamente a forma de registro oral presente, por exemplo, na sociedade africana *yorubá* (CARVALHO, 2003). Apesar dos desafios encontrados, esta experiência instiga a aluna a identificar a coexistência de outras epistemologias e cosmologias e, ao mesmo tempo, entender que várias narrativas e percepções de mundo nos constituem como sujeitos. A aluna constatou que, apesar de não ser tarefa fácil desenvolver as práticas da forma como ela propõe, tem sido possível e vem tendo impactos significativos entre os alunos, valorizando, mais do que resultados, os processos e tempos de cada um.

A experiência de outro discente em uma escola de ensino fundamental pelo programa Mais Educação, oportunizou-lhe vivências altamente significativas enquanto educador musical em formação. O aluno também se desempenhou como professor de violão em uma comunidade católica após o primeiro ano da graduação em música, um trabalho aberto à comunidade, projeto oriundo do contexto religioso. Através desta narrativa, consideramos que seja de extrema importância ressaltar que existia um elo entre as práticas nos espaços não formais de ensino musical e as práticas desenvolvidas no contexto

universitário, tanto nos componentes teóricos quanto nos pedagógicos, no que diz á respeito de planejamento, conteúdos de ensino, metodologias e recursos para as suas aulas.

No intuito de fortalecer cada vez mais a relação indissolúvel entre ensino, pesquisa e extensão, foram apresentados dois relatos em congressos específicos da área: “Igreja como ambiente de trabalho: relato de experiência numa comunidade católica” (DANERES, SANTOS, 2017) e “Ensino de música em uma comunidade católica: um relato de experiência” (DANERES, RECK, 2018). A partir dessa vivência compartilhada com outros colegas da área, surgiu a necessidade e o interesse, por parte do aluno, de pesquisar ainda mais sobre essa temática, dando continuidade às ideias e concepções sobre o que é ser professor de música no contexto religioso, seus alcances e possibilidades, promovendo, assim, a discussão sobre esses espaços de atuação e formação, gerando conhecimento dentro da nossa área.

4. Desafios e oportunidades

No contexto do componente “Práticas Pedagógico-Musicais I” os alunos têm a oportunidade de experienciar atividades musicais em espaços alternativos de ensino musical como antes mencionado. Ao atuar com práticas musicais e vocais para bebês, o processo de observar as aulas e trocar ideias com outro colega que desenvolve tais práticas em outro espaço, apresentou-se como uma possibilidade de aprendizagem para uma das discentes do componente. Este espaço está localizado no centro da cidade, lá ocorrem aulas de outras áreas do conhecimento além das aulas de música, atendendo crianças de zero a cinco anos de idade. As práticas musicais serão desenvolvidas no berçário, com bebês de seis meses até dois anos. Um dos desafios encontrados neste contexto está centrado no fato de que as crianças não estão acompanhadas por seus responsáveis, mas sim, pelas tutoras ou professoras do local.

Apesar de compreender que há afinidade entre as crianças e as profissionais, questiona-se, por exemplo, se a significação das palavras, presentes nas atividades e nas músicas, farão sentido às crianças, contribuindo para a sua socialização, visto que os responsáveis são as primeiras pessoas que as crianças tomam como referência para isso. Apresenta-se como uma oportunidade, neste espaço específico das práticas musicais com bebês, a exploração de técnicas, estratégias, recursos, materiais didáticos e metodologias de ensino adequadas a esta faixa etária, a partir de um trabalho de pesquisa, observação e implementação de propostas de ação colaborativas, entre o professor regente e a discente.

As práticas musicais em contextos inclusivos são contempladas a partir da inserção de um dos alunos matriculados no componente numa instituição beneficente que atende crianças e adultos com necessidades especiais. Após as primeiras duas observações in loco pode-se constatar o tamanho do desafio, pois será necessário adentrar nessa realidade a partir de uma abordagem interdisciplinar que possa auxiliar o aluno nos modos de ensinar e aprender música no contexto inclusivo. Para isso, será necessário construir um plano de ação fundamentado nas pesquisas e experiências práticas na área e, principalmente, aprender observando o cotidiano desses grupos, em constante diálogo e com uma postura flexível e aberta às necessidades dos grupos inseridos nesse âmbito.

5. Algumas considerações

Diante do panorama socioeducativo atual, nesta conjuntura política e econômica, a revitalização, defesa e manutenção do “terceiro setor” como um espaço de formação para o futuro educador musical torna-se indispensável se pensarmos numa formação integral, articulada com as demandas atuais e em sintonia com a realidade social na qual esse aluno está inserido. Muitas pesquisas constataam a importância destes espaços não somente para a formação do futuro professor, mas porque também “tem sido uma importante ferramenta nos processos de educação musical [...] graças à variedade, flexibilidade e riqueza de propostas metodológicas adotadas nesta forma de ensino musical” (VOIOLA, 2016, p. 302). Neste sentido, os relatos aqui apresentados trouxeram um olhar crítico sobre a necessidade de resgatar esses espaços para o desenvolvimento de práticas musicais, valorizando o fazer musical em conjunto ou individual, as práticas criativas e uma postura interdisciplinar no que se refere ao planejamento, implementação e avaliação dessas práticas.

A proposta de formação, no contexto do componente complementar de graduação “Prática Pedagógico-musicais I”, permite ao aluno, que não atravessou pelas práticas fora do ambiente escolar nos estágios obrigatórios, experimentar outros modos de inserir a música em diversificados espaços. Estas práticas oportunizam, ao discente, a exploração de novos caminhos de formação, repensando suas práticas, ressignificando seus modos de planejar, entrando em contato com novas metodologias e criando recursos para suas aulas, desde um olhar crítico e reflexivo sobre a sua própria prática, olhando para o seu entorno, se reconhecendo como parte do mesmo.

A presença da música em espaços alternativos não somente proporciona outros caminhos de formação para os alunos de graduação que podem atuar neles, como também

amplia as oportunidades de contato com o fazer musical para crianças, famílias, pessoas das mais variadas faixas etárias, pessoas com necessidades especiais, dentre outros setores da comunidade, o que potencializa a tríade universidade-comunidade-escola assumindo, de forma recíproca, o papel de formador e aprendiz, fortalecendo laços, construindo pontes, resgatando o papel socializante da educação musical.

Referências

- ARROYO, Margarete. Transitando entre o “Formal” e o “Informal”: um relato sobre a formação de educadores musicais. In: SIMPÓSIO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO, 7, 2000, Londrina. *Anais...* Londrina, 2000. p. 77-90.
- KLEBER, Magali. *Terceiro setor, ongs e projetos sociais em música: breves aspectos da inserção no campo empírico*. Disponível em: <[http:// http://www.youblisher.com](http://www.youblisher.com)> Acesso em: 25 de mar. 2019.
- OLIVEIRA, Alda. Atuação profissional do educador musical: terceiro setor. *Revista da ABEM*, Londrina, v. 8, p. 93-99, 2003.
- OLIVEIRA, Carlos J. Almeida de. *Educação musical e seus espaços de ensino-aprendizagem*. Porto Alegre, 2013, 30f. Trabalho de Conclusão de Curso da Especialização em Pedagogia da Arte. Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.
- CARVALHO, José Jorge. A Tradição Musical Iorubá no Brasil: Um Cristal que se Oculta e Revela. *Série Antropologia*, Brasília, v. 327, p. 42-48, 2003.
- SOUZA, Jusamara Vieira. Cultura e Diversidade na América Latina: o lugar da Educação Musical. *Revista da ABEM*, v. 18, p. 15-20, 2007.
- UNIPAMPA. Projeto Pedagógico do Curso de Música-Licenciatura, Campus Bagé/RS, 2016.
- VOIOLA, Daniele. O ensino não-formal na educação musical e a sua contribuição na manutenção do quadro discente universitário no Rio de Janeiro. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE PÓS-GRADUANDOS EM MÚSICA, 4., 2016, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: UNIRIO, 2016. p. 294-303.

Notas

¹ Resolução CNE/CP nº 2, de 1º de julho de 2015, define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada.